



ARTIGO DO
CURSO DE FILOSOFIA OCULTA

O PAREDROS & O EXU PESSOAL

DA SÉRIE: O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO



CIPRIANO O MAGO
Autor: Romario Romis

O desejo de se comunicar com os espíritos é mais antigo que a história; relacionado com princípios indelévels da natureza humana [...] e as tentativas de satisfazer esse desejo geralmente tomam uma forma que traz um grande ultraje a razão. [...] A constância da reiteração [da conjuração] feita com frequência aumenta sua autoridade e poder, e acomete o terror nos espíritos, submetendo-os a obediência. [...] No Egito, na Índia e na Grécia, não se lidava com diabos como no cristianismo; Typhon, Juggernaut e Hécate não eram divindades inferiores, mas sim deuses absolutos, e o ofício de Canídia era em sua maneira tão sagrado como os pacíficos mistérios de Ceres.¹

O espírito assentado deixa de ser um mero «falangeiro» e torna-se um Mestre pessoal, responsável pelo desenvolvimento do adepto. [...] Um adepto não precisa ter muitas «linhas» para se desenvolver e sim, um único e grandioso Mestre que corra todos os Reinos e o ampare em sua jornada.²

Nas mais antigas versões de histórias sobre espíritos familiares, nós somos orientados a não ouvi-los e segui-los cegamente, mas ao invés disso, a estabelecer uma *relação* com os espíritos, o que nos ajuda, com suas orientações, a estabelecer nosso compasso interno.³

A história da magia no Ocidente é em grande medida uma história focada na intervenção dos espíritos e dispositivos [mágicos]. A maior parte de nossos registros históricos, dos grimórios a estudos acadêmicos modernos, examina um tipo de magia que é operado abaixo do nível do adepto. Aqui encontramos o mago estabelecido com lamens, anéis, sigilos e livros; seu corpo adornado com vestimenta [cerimonial], ferramentas e toda uma parafernália que possibilita a intervenção dos espíritos. Cada um desses dispositivos é uma lição da arte. Quando criados pelo mago e trazidos a vida por meio do contato com os espíritos podem se tornar poderosos artefatos com laços autênticos com os espíritos. [...] Se nós começarmos a traçar o registro histórico da tradição ocidental de magia ritual até os antigos reinos da Grécia, Caldeia ou Egito, rapidamente perceberemos que o poder do mago reside na sua versatilidade e capacidade de se comunicar com uma quantidade variada de criaturas espirituais. [...] A magia que ele opera é mais um ato de mediação do que de desempenho próprio. Seja mediando anjos, demônios ou deidades, o antigo ritual de magia requer uma criatura espiritual trabalhando em função do mago no reino [da geração]. [...] O mago e suas ferramentas nesse contexto são meros portais das forças que passam através deles.⁴

Nos anos recentes a magia mudou. Nós tivemos uma explosão de publicações de textos tradicionais da magia europeia. Muitos magistas tiveram acesso a tradições vivas da magia. Nós vimos as tradições mágicas que foram obscurecidas pela tradição moderna

¹ Arthur Edward Waite, O LIVRO DA MAGIA NEGRA E DOS PACTOS. Via Sestra, 2018. *Os colchetes são meus*.

² Danilo Coppini, QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA. Via Sestra, 2019.

³ Maja D'Aoust, FAMILIARS IN WITCHCRAFT. Destiny Books, 2019.

⁴ Frater Acher, CYPRIAN OF ANTIOCH. Quereia Publishing, 2017. *Os colchetes são meus*.

[da magia]. Com essa consciência nós nos descobrimos em um mundo vivo repleto de espíritos; espíritos que têm vivido poderosamente, seres independentes que dão vida, dinamismo e poder a magia.⁵

Não há dúvida de que existem os espíritos Bons e Maus; e que estão em relacionamento com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência soberana, posto que a própria religião lhes dá o poder de tentar-nos, de induzirmos ao bem e ao mal; logo, se por meio da Magia pode o homem pôr-se em relação com estes espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.⁶

Hécate, a deusa grega da feitiçaria, além de ser associada as encruzilhadas, matas selvagens, espaços limiars, também está conectada aos fantasmas, espíritos infernais e a necromancia. [...] A diabolização da necromancia eventualmente levou-a a ser renomeada para *nigromancia* (divinação negra), posteriormente classificada como *magia negra* ou *arte negra*. Isso transformou a percepção da arte, tornando-a sombria e relacionada ao diabo. [...] Quando animais são sacrificados [cerimonialmente] [...] está prática atraí e alimenta os espíritos dos mortos, que vêm beber o fluído da vida. [...] A arte da necromancia inclui o trabalho com ancestrais, trabalho onírico, convocação de sombras, comunicação com espíritos, e todas essas práticas combinadas para divinação, magia e feitiços.⁷

A Magia é a arte de submeter às potências da natureza à vontade humana. Entre essas potências há as entidades invisíveis, espíritos, gênios e demônios evocados mediante fórmulas, orações, encantamentos, talismãs, pantáculos, filtros e outros agentes naturais.⁸

Qualquer definição acurada sobre magia deve envolver conceitos como os de outros mundos, espíritos, *daimones* e deuses, porque essa é a premissa pela qual muitos magistas operam.⁹

Cipriano deveria, em princípio, ser entendido como um guia para aquela experiência maravilhosa quando o feiticeiro finalmente alcança o conhecimento e conversação com seu espírito patrono.¹⁰

Deve ser entendido que este [O LIVRO DE SÃO CIPRIANO], diferente de outros grimórios, não é uma relíquia de um distante passado mágico, ele não é um livro antigo e morto que espera para ver a luz

⁵ BJ Swain, LIVING SPIRITS: A GUIDE TO MAGIC IN A WORLD OF SPIRITS. Publicação do autor, 2018. *Os colchetes são meus*.

⁶ Jonas Sufurino em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO; veja THESAURUS MAGICUS, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

⁷ Christopher Orapello e Tara-Love Maguire, BESOM, STANG & SWORD: A GUIDE TO TRADITIONAL WITCHCRAFT, THE SIX-FOLD PATH & THE HIDDEN LANDSCAPE. Weiser Books, 2018.

⁸ Antônio Maria Ramalhete, O BREVIÁRIO DE SÃO CIPRIANO. Eco, 2016.

⁹ Stephen Skinner, TECHNIQUES OF GRAECO-EGYPTIAN MAGIC. Golden Hoard Press, 2014.

¹⁰ Humberto Maggi, SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

novamente através de um devotado magista. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO não se trata de um livro; ele não está localizado no tempo ou no espaço. Como qualquer culto, ordem ou religião viva e ativa, trata-se de um *contínuo*, uma corrente. Ele muda seu conteúdo porque está vivo, porque é praticado e vivido em vários contextos culturais, sociais e geográficos [...] [e] ele constantemente responde as necessidades de seus leitores. Da costa da Catalunha a Algarve, da Ibéria rural ao nordeste do Brasil, dos terreiros de Quimbanda e finalmente até as cidades, ele é em todo o sentido do termo um livro de magia popular, um livro [de magia] para o povo. [...] Ele vive a margem da sociedade, nas sombras, no limiar entre religiosidade e heresia, virtude e vício. Como o próprio Santo, ele vive naquela linha onde Deus e o Diabo se encontram. [...] Mas como um *contínuo*, um ponto parece ser constante em suas edições, todas trazem a narrativa faustina.

[...] Este terceiro período [da tradição cipriânica] não pode ser separado da efervescência mágico-religiosa da atmosfera Sul-americana. Foi ali, num grande cadinho cultural de sangue branco, negro e nativo-americano que as práticas da magia cipriânica foram revitalizadas e desenvolvidas para além dos princípios da prática ibérica, afastando-se dos livros originais. Essa nova e impressionante onda de práticas parece estar fazendo seu caminho de retorno a Ibéria e Europa, seja através da imigração ou pelo incrível prestígio e reconhecimento das técnicas mágico-religiosas Sul-americanas, colorindo e revitalizando antigos cultos cipriânicos. Em teoria, devido a seu caráter altamente pragmático, estas novas práticas revitalizadas poderão no futuro uma vez mais cristalizar uma nova ortodoxia cipriânica. Contudo, devido à possibilidade de se estabelecer contato mediúnico com São Cipriano, um constante fluxo de material novo e atualizado é estabelecido, fazendo dele uma corrente viva, como uma vez o foi em um distante passado da Ibéria.¹¹

¹¹ José Leitão, THE BOOK OF ST. CYPRIAN: THE SORCERER'S TREASURE. Hadean Press, 2014.

O PAREDROS & O EXU PESSOAL



Para iniciarmos a presente discussão vamos começar pelas definições: **1.** o *paredros* é qualquer espírito assistente (tutelar), seja um espírito da natureza, a alma de um morto deificada (como os Exus e Pombagiras da feitiçaria tradicional brasileira) ou deidades diversas, que inclui deuses e demônios; **2.** o *exu/pambagira pessoal* (ou mestre) é um ancestral, a alma de um morto deificada, dotada de sabedoria e poder de magia; **3.** o *sagrado anjo guardião* na tradição moderna da magia trata-se de um anjo de Deus que acompanha a alma humana no curso de sua encarnação no reino da geração; trata-se de uma evolução do conceito ou ideia do *paredros* dentro de uma visão neoplatônica-cristã.

No *Curso de Filosofia Oculta*, no nosso primeiro ano de estudo, *Módulo 1: Magia na Antiguidade*, nós estamos nos debruçando sobre os primórdios da magia goécia como compreendida e praticada na Antiguidade tardia e cujo epicentro foi a magia hermética dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Nas primeiras lições nós chamamos atenção para a grande similaridade que existe entre a magia dos papiros e a cabala crioula da África Setentrional. Nos primeiros séculos de nossa era, a região do Mediterrâneo tornou-se um caldeirão fervilhante onde as culturas mágico-religiosas do Egito, Grécia e Roma se encontraram com as culturas da Suméria, Babilônia, Acádia e Assíria. Todas essas culturas e cultos mágico-teúrgicos influenciaram profundamente a magia hermética dos papiros, que apresenta uma feitiçaria tipicamente goética: a conjuração de espíritos para diversos fins.

Nesses artigos que compõem a série O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO, sempre que toco no assunto defendo a feitiçaria tradicional brasileira como uma herdeira genuína da feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. E como vimos em *A Influência Cipriânica na Quimbanda Brasileira*, esse estilo de vida goético que culminou na feitiçaria tradicional brasileira chegou ao Brasil via Portugal no Séc. XVI, quando as primeiras feitiçarias condenadas e exiladas pelo Santo Ofício começaram a aportar em nossas terras. A magia ibérica daquele período já trazia uma grande influência da magia dos papiros, que cruzava sistemas e tradições livremente, onde vemos cristianismo, judaísmo e paganismo greco-egípcio misturados em feitiços diversos.

A maioria dos métodos e técnicas usados pelas bruxas dos tempos antigos tem pouca semelhança com aqueles usados pelas bruxas neopagãs de hoje. Muitas vezes o povo astuto praticava a observância da fé dual e os encantos, amuletos, orações e encantamentos que eles usavam invocavam Jesus, a Virgem Maria, a Trindade e a companhia dos santos. Os salmos eram usados para propósitos mágicos como feitiços e ainda estão em alguns círculos de feitiçaria tradicionais modernos. Com a chegada da nova fé do cristianismo e a supressão das antigas religiões pagãs, objetos como crucifixos,

medalhões dos santos, a hóstia e a água benta foram amplamente usados pelos magos populares porque acreditavam possuir «virtude» ou energia mágica e poder de cura inerente. O simbolismo cristão era usado em rituais de magia popular envolvendo proteção psíquica, contra-magia e cura. Muitos dos antigos encantos pagãos foram cristianizados e alguns dos santos assumiram os atributos anteriores de deuses e deusas pagãos. As nascentes sagradas, anteriormente dedicadas às deusas, por exemplo, eram voltadas para a Virgem Maria ou para as mulheres, como Winefrede ou Bride. Os encantos de cura substituíram os nomes das divindades pagãs, como Woden, Loki e Thor, pelos de Deus, de Jesus e do Espírito Santo. Muitos dos grimórios [medievais] usados pelas bruxas e praticantes da magia popular também continham inevitavelmente o simbolismo judaico-cristão.

Algumas bruxas tradicionais modernas ainda seguem a observância da fé dupla usando os salmos para propósitos mágicos, trabalhando com a companhia de santos e empregando imagens cristãs, simbolismo e liturgia, muitas vezes de maneira herética e subversiva. A bruxa neo-pagã fala de maneira que não prejudique ninguém, enquanto que a bruxa tradicional moderna – em comum com as astúcias das bruxas do passado – pode tanto curar quanto amaldiçoar quando surgir a necessidade. Aqui a magia, enquanto cristã, é indubitavelmente autêntica, e não um renascimento romântico. Práticas semelhantes podem ser encontradas no Vodou, Hoodoo, Santeria, Macumba, Ju-ju e Obeah nas Américas e na África. Um modelo católico do universo, incluindo o céu, o purgatório e o submundo, influenciou a aceitação congoleza e o uso do catolicismo em suas práticas mágicas, como Palo Mayombe. É tão útil na necromancia ocidental.¹²

Mesmo tendo se apartado completamente da tradição judaico-cristã seguindo por uma *via sinistra* demoníaca e luciférica, a feitiçaria tradicional brasileira veio deste berço e essa é a linha tênue através da qual a conecto com a feitiçaria goética da Idade Média e Antiguidade tardia. Um dos fatores de equivalência entre a feitiçaria dos papiros e a feitiçaria tradicional brasileira está na doutrina do *paredros*, o espírito assistente. Nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS são listados tipos distintos de espíritos assistentes, dentre eles o *paredoi*, o espírito assistente da alma de um defunto, quer dizer, um *ancestral*.

Na *genuína* tradição da magia, uma das etapas preliminares da carreira mágico-iniciática é o conhecimento e a conversação com o espírito assistente, pois é dele que provem todo poder e conhecimento que o mago apresenta possuir. Ao mesmo tempo que ele é um instrutor espiritual, também é um guardião, agente de destruição, de prosperidade material e, principalmente, de salvação: o feiticeiro da Antiguidade era profundamente preocupado com a deificação de sua alma. Obter o conhecimento e a conversação com o espírito assistente, portanto, resolveria todos os seus problemas. Nós temos nos debruçado profundamente na doutrina do *paredros* e aqui não é necessário repetir as etapas do treinamento mágico que levam ao contato com ele. Por agora, vamos comparar o papel do *paredoi*, o espírito assistente da alma de um defunto com o Exu Pessoal (ou Exu Mestre) do feiticeiro-kimbanda.

Na feitiçaria tradicional brasileira o feiticeiro almeja alcançar por merecimento admissão na legião de Exus que compõem as colunas de V.S. Maioral, Chefe Império dos Reinos Infernais de Exu. O feiticeiro-kimbanda solicita a V.S. Maioral que lhe conceda um Exu Mentor que tanto lhe admite como aluno, é agente de magia e guardião. Com seu auxílio, o feiticeiro almeja conquistar admissão às hordas de Exus e Pombagiras através de um trabalho de

¹² Jake Stratton-Kent, THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE. Scarlet Imprint, 2014. *Os colchetes são meus.*

profunda transformação espiritual. Para tal propósito o feiticeiro produz uma alquimia em seu *ochēma* (corpo astral) de tal modo que ele se torna um Ovo Negro. Essa alquimia quem opera é Exu com as vibrações emanadas do Trono de V.S. Maioral e dos Sete Reinos Infernais da feitiçaria tradicional brasileira: encruzilhadas, cruzeiros, almas, matas, cemitérios, lira e praias. O Exu Pessoal do feiticeiro-kimbanda é o agente de comunicação e transmutação entre o *ochēma* do feiticeiro e as poderosas forças dos Sete Reinos de Exus e Pombagiras. O glifo que representa essa alquimia negra da alma é a imagem de Baphomet.



Baphomet por Asenat Manson.

Essa alquimia negra sobre a alma desperta suas potências. Como temos estudado, um genuíno praticante do *Caminho da Mão Esquerda* não depende das virtudes dos deuses em planos de luz e perfeição para agregar a sua alma uma quantidade considerável de luz para torná-la um *augoeides*, quer dizer, um Ovo de Luz luminoso e resplandecente. Através do veneno da serpente o feiticeiro arranca das covas de sua alma suas potências inatas. Ele caminha, portanto, sobre suas próprias pernas. Por outro lado, Exu é puro

dinamismo. Se há algo que Exu é inimigo, é a estagnação. É este dinamismo que o Exu Pessoal compartilha com feiticeiro-kimbanda. Para cavar as profundezas obscuras da própria alma o feiticeiro-kimbanda precisa de intenso ímpeto dinâmico. Compartilhando do poder dinâmico de seu Exu Pessoal, o feiticeiro-kimbanda cava mais fundo as profundezas da alma, buscando o despertar de sua Chama Negra.

A feitiçaria tradicional brasileira é, portanto, uma medicina para alma. Através do contato com Exus e Pombagiras é possível despertar as potências inatas da alma através de um processo de cura espiritual. Diferente da ignorância generalizada, a feitiçaria tradicional brasileira é uma *Arte Negra* que opera uma alquimia na alma através da feitiçaria. Exus e Pombagiras podem ser convocados para aniquilação de medos e traumas, para organização da mente e cultivo da vontade, para libertação de vícios e maus hábitos, além de agentes de magia para todos os fins, ataque, defesa, energização ou purificação.

Assim, na busca pela sabedoria e poder de seu Exu Pessoal o feiticeiro-kimbanda se coloca na mesma jornada do feiticeiro dos papiros gregos; uma jornada, no entanto, universal, típica da tradição da magia em culturas diversas. E como temos estudado, o mito de São Cipriano expressa essa busca genuína de todo mago. Ao avaliarmos as funções do *paredros* e sua relação com o feiticeiro nos papiros (I.42-195), temos:

1. Poder de causar invisibilidade.
2. Poder de libertar uma pessoa de amarras na prisão e abrir portas.
3. Poder de mudar a forma do mago para animais que voam, quadrúpedes e répteis.
4. Poder de elevar o mago aos céus.¹³
5. Poder de conferir ao mago riquezas.
6. Poder de ser adorado como um deus caso o mago tenha com esse deus certa intimidade.
7. O *paredros* torna-se o companheiro do mago, vive, come e dorme com ele.
8. O *paredros* revela com clareza tudo o que o mago precisa saber.
9. O *paredros* executa qualquer tarefa que o mago lhe apontar.
10. O *paredros* é um espírito aéreo, deslocando-se de um canto ao outro da Terra.
11. O *paredros* é capaz de se manifestar como um animal aéreo ou aquático, réptil ou quadrúpede.
12. O *paredros* se apresenta com *daimones* para auxiliar o mago.

Muitas dessas funções atribuídas ao *paredros* como espírito assistente podem ser relacionadas tanto a Exu quanto a Pombagira nos Sete Reinos da feitiçaria tradicional brasileira.

¹³ Neste caso, elevar no ar significa levar a alma do mago para longe do cativeiro do submundo após a morte.

1. *Poder de causar invisibilidade.* O Exu Pessoal (ou outros Exus Patronois) protege o feiticeiro-kimbanda com sua capa e tridente, escondendo-o e protegendo-o de seus inimigos e desafetos.
2. *Poder de libertar uma pessoa de amarras na prisão e abrir portas.* O Exu Pessoal protege o feiticeiro-kimbanda de prisões físicas ou psicossociais, libertando-o. Há muitas rezas de Exu para esse tipo de problema.
3. *Poder de mudar a forma do mago para animais que voam, quadrúpedes e répteis.* Exu pode se metamorfosear em muitas formas. Por exemplo, Exu Panteira Negra é um caboclo da mata que às vezes se manifesta como uma pantera. Esse é um poder licantrópico de Exus e Pombagiras. Este poder pode ser transferido ao feiticeiro-kimbanda que pode a partir disso metamorfosear seu *ochêma*, tomando a forma de seus animais de poder.
4. *Poder de elevar o mago aos céus.* Era uma crença na Antiguidade que o *paredros* poderia auxiliar o mago na deificação de sua alma. Exu auxilia na deificação da alma do feiticeiro-kimbanda, quando ele passa a fazer parte das legiões de V.S. Maioral.
5. *Poder de conferir ao mago riquezas.* Os Exus e Pombagiras do reino da lira (ou qualquer reino) podem auxiliar o feiticeiro-kimbanda a obter conforto financeiro.
6. *Poder de ser adorado como um deus caso o mago tenha com esse deus certa intimidade.* Essa é uma crença baseada na ideia de que o *paredros* compartilha de seus poderes com o mago. Na Antiguidade, feitos taumatúrgicos conferiam notoriedade, daí *ser adorado como um deus*. Exus e Pombagiras compartilham de suas virtudes com o feiticeiro-kimbanda.
7. *O paredros torna-se o companheiro do mago, vive, come e dorme com ele.* Ao assentar Exus e Pombagiras em casa ou no templo, o feiticeiro-kimbanda traz o espírito da legião para morar com ele. O espírito torna-se, portanto, um *familiar*.
8. *O paredros revela com clareza tudo o que o mago precisa saber.* O Exu Pessoal trabalha diretamente com o feiticeiro-kimbanda através de oráculos como búzios, ossos e cartas.
9. *O paredros executa qualquer tarefa que o mago lhe apontar.* O Exu Pessoal ou outros Exus e Pombagiras patronos auxiliam e socorrem o feiticeiro-kimbanda quando este necessita, seja para fins de alquimia na alma ou magia de ataque e defesa.
10. *O paredros é capaz de se manifestar como um animal aéreo ou aquático, réptil ou quadrúpede.* Novamente, o poder licantrópico do Exu. Veja no. 3 acima.
11. *O paredros se apresenta com daimones para auxiliar o mago.* Exus e Pombagiras se apresentam com uma legião de espíritos para auxiliarem as demandas do feiticeiro-kimbanda.

Soldo: O Exu Pessoal da feitiçaria tradicional brasileira é o típico *paredoi*, espírito assistente ancestral dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Muito bem! Agora, como estreitar laços com o Exu Pessoal? Através do treinamento e da preparação mediúnica, que pode conter elementos diversos trazidos de iniciações anteriores. Por exemplo:

1. A construção de um *terreiro astral* metapsíquico dedicado a feitiçaria tradicional brasileira e ao contato com o Exu Pessoal por meio da projeção e construção psicocriativa;
2. Através de práticas espirituais psicofisiológicas que purificam a qualidade do *ochêma*;
3. Através de feitiçaria onírica para que o Exu Pessoal se manifeste em sonhos;
4. Através de sacrifícios e arriamento de oferendas no templo, nas encruzilhadas, nas matas etc.;
5. Através de giras de desenvolvimento;
6. Por meio do *Caminho da Serpente* ou *Caminho do Veneno* que consiste na utilização de medicinas sagradas como a Jurema, Ayahuasca, Rapé etc.

Laroyê Exu é Mojuba!

Fernando de Ligório
Curso de Filosofia Oculta